

## NINGUÉM NASCE SABENDO NÃO, GENTE: uma história de recomeços

Mariana Barbosa Cassiano<sup>1</sup>

Monike Alves Gouvea<sup>2</sup>

Gabriela Félix Brião<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente texto, impulsionado pelas ideias apresentadas pelo Papa Francisco, em sua proposta de reacender o Pacto Educativo Global, em conjunto a proposta da Economia de Francisco e direcionado pela seguinte questão “quais motivos te trouxeram de volta à escola?”, apresenta como objetivo: compreender os motivos de uma idosa, por meio de sua própria narrativa, retornar à escola e qual significado isso tem para a sua vida e sua (re)inserção na sociedade. Alicerçada, sobretudo, nas ideias de Paulo Freire, realizou-se uma análise, não na intenção de evidenciar uma explicação única para os motivos que trazem um estudante a frequentar as turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas, sim, tornar as memórias dessa depoente em fontes. Mais que isso, evidenciá-la como autora dessa história, da sua história. Conclui-se, mediante a inspiração em Dona Eliane, depoente, que cada um é o condutor de sua própria vida, dotado da capacidade de, a qualquer momento, aprender e agir. Mais que isso, foi possível assimilar, de forma bem didática, que ninguém determina quem somos e do que somos capazes.

**Palavras-chave:** educação de jovens e adultos; idosos; narrativas.

### NO ONE WAS BORN KNOWING, GUYS: a story of new beginnings

### ABSTRACT

This text, driven by the ideas presented by Pope Francis, in his proposal to rekindle the Global Educational Pact, and guided by the following question “what reasons brought you back to school?”, aims to: understand the reasons of an elderly woman, through his own narrative, returning to school and what meaning this has for his life and his (re)insertion into society. Based, above all, on the ideas of Paulo Freire, an analysis was carried out, not with the intention of highlighting a single explanation for the reasons that bring a student to attend Youth and Adult Education (EJA) classes, but, rather, to make the memories of this deponent in sources. More than that, highlight her as the author of this story, her story. It was concluded, through inspiration from Dona Eliane, the witness, that each person is the driver of their own life, endowed with the ability, at any moment, to learn and act. More than that, it was possible to assimilate, in a very didactic way, that no one determines who we are and what we are capable of.

**Keywords:** education of young people and adults; elderly; narratives.

“Nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: Por quê?”

(Freire, 2019, p. 87).

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (PPGEB – Cap/UERJ); licenciada em Matemática pelo Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (PPGEB – Cap/UERJ); licenciada em Matemática pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>3</sup> Doutora em Educação Matemática pela UNESP/Rio Claro. É líder do Grupo de Pesquisa de Educação Matemática da UERJ (GEMat-UERJ) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (PPGEB – Cap/UERJ).

## **PRIMEIROS PASSOS**

No ano de 2020, ainda no início de uma pandemia que modificou totalmente a vida na Terra, o Papa Francisco propôs um encontro mundial com o intento de reconstruir o Pacto educativo global, ainda mais necessário em tal momento. Isto é, a intenção era reacender o tratado em prol, sobretudo da juventude, na busca por uma educação mais inclusiva, dialógica e solidária.

Nós, assim como o Papa Francisco, acreditamos que toda mudança que almejamos e de que necessitamos no mundo deve partir da educação, a qual pode ter o poder de fazer florescer uma sociedade mais humanista e acolhedora, além de harmônica ao bem comum. Impulsionadas por Paulo Freire (2021b), que reconhece a força da educação, além de compreender e defender a capacidade do ser humano de intervir no mundo, depreendemos que devemos lutar, sobretudo por meio dela, em prol da (re)inserção dos marginalizados na sociedade.

O Pacto educativo global do Brasil (ANEC, 2020) – o qual se refere à importância da luta pelo ensino público, sobretudo no que tange aos “últimos da fila”, ou seja, aqueles que não estão incluídos na ideologia de uma sociedade capitalista, ou ainda, aqueles os quais Freire (2019) chamou de oprimidos – busca uma educação plural, que não pode ser vendida a alguns poucos privilegiados. Assim, compreendemos que nossos ideais vão ao encontro do que prega o Documento, o fim da exploração e da desigualdade social por meio da educação para todos.

Na mesma direção do referido Pacto, temos também a chamada Economia de Francisco (Economy of Francesco), fomentada por um encontro remoto, ocorrido em 2020, que reuniu jovens do mundo inteiro para discutir economias outras, plurais e diversas. Ao longo desse encontro a palavra Educação apareceu com muita força, no ideário de que apenas por meio dela seria possível transformar a economia do mundo inteiro.

Assim, ancoradas pelo Pacto Educativo Global e pela Economia de Francisco, compreendemos que, faz-se necessário educar as crianças, os jovens, e, por que não, os adultos e idosos, para que se apropriem do conceito de economia e como ela afeta o mundo. Ademais, ensiná-los a respeitar o trabalho físico, os variados contextos sociais, etnias e a respeitar o mundo ao seu redor em todos os aspectos também se mostra relacionado a tais princípios e, mais que isso, fundamental a eles. A partir de uma educação emancipadora e crítica é que conseguiremos a chave para um futuro melhor.

Tais anseios podem parecer utópicos, contudo, ponderamos que “se a educação sozinha

não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2021a, p. 77). É por meio da educação plural, por todos e para todos, que podemos almejar uma formação cidadã, propensa a colaborar com as mudanças na realidade social, tão necessárias para um mundo mais justo e humanitário. Ao mesmo tempo é primordial lutarmos pela mudança nos papéis das universidades, dos empresários e do governo nesse cenário. É preciso que eles ajam juntos, em verdadeira parceria e cooperatividade, se realmente quisermos fazer uma grande mudança na educação e na economia de nossas cidades, estados e países.

As concepções expostas até aqui são primordiais, particularmente quando nos encaminhamos na direção daqueles que ocupam as posições finais na fila do cenário educacional, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ao vislumbrar a sala de aula da EJA faz-se necessário ao educador entender que, embora os conceitos e procedimentos formais sejam relevantes, é necessário ir além e compreender o outro, no caso os estudantes, como produtores de conhecimentos e saberes valiosos.

Dessa maneira, norteadas pela seguinte indagação: “quais motivos te trouxeram de volta à escola?”, direcionada a alguns estudantes de uma escola pública municipal pertencente ao município de Nilópolis/RJ nos debruçaremos, especificamente, na narrativa de uma idosa, estudante da EJA da referida Instituição, para compreender seus motivos para retornar à escola e qual significado isso tem para a sua vida e sua (re)inserção na sociedade.

## **PAUSAS NA CAMINHADA PARA REFLETIR**

A EJA foi uma necessidade da sociedade brasileira que demandou muita luta para ser deliberada. Seus alicerces foram fundados gradualmente ao longo do século XX, se consolidando como um efetivo direito da população apenas na Constituição de 1988. Nesse momento, finalmente o poder público admitiu e validou o carecimento do povo brasileiro em ofertar àqueles que não tiveram condições de completar sua escolaridade, no dito tempo correto, o mesmo direito que o concedido aos alunos que frequentam a escola em idades próprias (Haddad, 2007).

Faz-se necessário destacar que os sujeitos históricos que compõem a EJA são homens e mulheres, normalmente advindos das camadas mais humildes da população, com trajetórias diversas, que envolvem tanto conquistas quanto fracassos. Além disso, devemos levar em conta outros variados fatores que contribuem para distinguirmos nosso olhar sobre esse público: o gênero, a idade, a etnia, o fato de estarem no contexto de uma escola urbana ou rural, de terem

alguma deficiência etc. Ou seja, esses educandos carecem de um acolhimento outro, no qual suas participações efetivas e a escuta ativa por parte do educador devem ser fundamentais ao processo de escolarização (Haddad, 2007).

Diante disso, compreendemos a necessidade de proporcionar a esse estudante (e a todos os demais) uma educação libertadora, que não satisfaz aos interesses dos opressores, mas orienta-se no sentido da humanização de ambos, oprimido e opressor, por meio do pensar autêntico (Freire, 2019). Assim, os educadores verdadeiramente humanistas precisam chamar o educando a conhecer, e mais, a (re)conhecer os saberes que trazem consigo: “nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (Freire, 2019, p. 120).

Além disso, Fonseca (2020) ressalta que uma das dificuldades dos educadores em conhecer seus educandos é, por vezes, a faixa etária distinta entre os dois sujeitos. Em sua grande maioria, na EJA, os docentes são mais novos que os estudantes, logo, as demandas que trazem para a sala de aula, as dificuldades, desafios, inseguranças, questionamentos e pontos de vista arraigados não fazem parte ainda da vida desses profissionais.

Sendo assim, é basilar que o educador se coloque em escuta atenta às emergências desse discente, de forma cuidadosa e ativa, “na acolhida de um outro que ele reconhece ter vivenciado experiências que lhe escapem, não só por seus significados socioculturais, mas também do ponto de vista da trajetória e do desenvolvimento humano” (Fonseca, 2020, p. 63).

Compreender a história desse educando, o porquê de ele ter abandonado a escola e, principalmente, o porquê de ter a ela retornado é primordial para que suas realidades sejam incorporadas aos conteúdos escolares e se supere a visão de que essa etapa de ensino é, na verdade, uma reposição acelerada do currículo do ensino regular (Haddad, 2007). Inclusive, essa concepção reducionista, provavelmente não satisfaz aos anseios desse público de jovens, adultos e idosos.

É imprescindível que esses estudantes sejam vistos como sujeitos sócio-histórico-culturais (Menezes; Melo, 2021), repletos de experiências de vida e conhecimentos variados, saberes locais e plurais, além de culturas diversas, capazes de contribuir para uma sala de aula plural, a qual precisa e deve ser valorizada e respeitada dentro do contexto escolar.

Esses sujeitos, educandos adolescentes, jovens, adultos e idosos, são portadores de saberes adquiridos ao longo de suas histórias de vida através de sua participação na sociedade, enquanto trabalhadores e/ou enquanto membros atuantes em seu meio social. Desta forma, necessitam ter reconhecidas suas características específicas que os diferem dos estudantes que não fazem parte da EJA, características relacionadas à faixa etária, à experiência de vida e à experiência profissional que trazem consigo, posto que (*sic*) estas geram diferentes experiências, bagagens e conhecimentos. Estas

condições inserem a EJA dentro de um campo de ampla pluralidade, heterogeneidade e diversidade (Fantinato; Freitas; Marchon, 2018, p. 185).

Dessa forma, é imprescindível que, tanto o poder público, bem como os docentes, a comunidade escolar e toda a sociedade voltem os seus olhos para essa modalidade de ensino. Isso se inicia na escolha da metodologia mais assertiva para esse coletivo, o quadro de horários e os projetos interdisciplinares, dentre outros que, apenas por meio do diálogo frequente com os estudantes, se faz possível diagnosticar.

Para Gadotti (2012), respeitar o educando da EJA, pautando-se em uma metodologia que reaviva e valoriza a sua história, é fundamental, visto que esses estudantes já foram bastante ultrajados anteriormente, ao terem seu direito à educação negado, por qual motivo for. Assim, é impensável que, ao retornarem à escola, se deparem mais uma vez com uma prática que negligencia suas identidades, saberes e cultura, visto que, “diante de nós, educadores da EJA, e conosco, estarão, pois, mulheres e homens que precisam, que querem e que reivindicam a Escola” (Fonseca, 2020, p. 9).

Em vista disso, optamos por valermo-nos da metodologia da história oral (Garnica, 2018), a qual consiste em “um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevistas semiestruturadas e outros procedimentos articulados entre si no registro da experiência humana” (Freitas, 2006, p. 18). A história oral busca transformar os saberes dos educandos, autores das entrevistas, em fontes novas e diversas.

Não temos a pretensão de dar soluções para as discussões aqui postas, tampouco visamos encontrar uma explicação única para os motivos que levam um estudante a frequentar as turmas de EJA. Temos ciência de que cada sujeito é único e detentor de uma singular história de vida que o traz até os bancos escolares novamente depois de ter dela evadido. Desejamos, tão somente, tornar memórias em fontes; depoentes, em autores. Reconhecer nos sujeitos, estudantes da EJA, sujeitos produtores de conhecimento e fazê-los se reconhecer também dessa forma.

Por tempos e constantemente, buscamos em fontes científicas respaldo para afirmar uma ideia e/ou pensamento dentro de nossos espaços de discussão, sobretudo na educação, no que se refere às experiências de vida, evasões, dificuldades e conhecimentos dos estudantes de um modo geral, sobretudo estudantes da EJA. Contudo, essa modalidade de ensino por si só transpira aprendizagens outras, por meio dos saberes populares, ancestrais e de vida a partir do relato de seus discentes. Compreendendo isso, percebemos como se faz importantíssimo que esses saberes apareçam e se consolidem cada vez mais no dia a dia da escola, nos permitindo

“pensar um futuro diferente” (Nakamura; Garnica, 2018, p. 2).

Assim, adiante nesta pesquisa, voltaremos nossa atenção para a narrativa de uma idosa, estudante da EJA. Isso irá requerer um distinto cuidado, haja vista que nessa faixa etária há medos e trajetórias próprias, além de uma busca pela escola como um caminho para superar os obstáculos impostos pela vida. Fosse a necessidade de trabalhar muito cedo, a proibição dos pais para que o indivíduo estudasse quando era jovem, a falta de escolas na zona rural, dentre inúmeras outras possíveis adversidades, algo afastou esse sujeito das salas de aula e se faz importante ser compreendido.

Ademais, é esse mesmo idoso, cheio de impasses, hesitações e vivências singulares, que ocupa a sala de aula da EJA em busca de “continuar contribuindo para a produção cultural, material e imaterial da nação brasileira, com dignidade e autonomia, mudando-se a tendência histórica de relegá-los ao ócio” (Brasil, 2009, p. 29). Sendo nosso dever, enquanto sociedade e educadores notá-los, respeitá-los e, especialmente, lutar para que tenham seus direitos assegurados, como aponta o estatuto do idoso no Artigo 3º:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 2003).

Portanto, consideramos que deve ser proporcionada a esse idoso plena assistência, entretanto uma assistência que não contradiga sua vocação natural a ser sujeito e não objeto, uma assistência que o possibilite participar do processo de sua própria recuperação social, instigando sua disposição democrática participativa (Freire, 2020a).

Além disso, segundo uma das perspectivas apresentadas por Staudinger, Marsiske e Baltes (1995), a senescência não deve ser encarada como um momento de estagnação ou declínio intelectual dos indivíduos, mas, sim, como novas possibilidades, sobretudo para o aprendizado contínuo e o desenvolvimento pessoal.

À vista disso, compreendendo que é o diálogo e o respeito ao outro fonte de toda aprendizagem em uma sala de aula da EJA, apresentamos, finalmente, a narrativa, recorte da pesquisa de Mestrado<sup>4</sup>, em andamento, de uma das autoras deste artigo, estruturada nos moldes de entrevista semiestruturada.

Dona Eliane – como assim pediu para ser chamada desde que chegou ao Rio de Janeiro ainda jovem – é uma senhora de 68 anos, nascida em João Pessoa, na Paraíba. Filha do meio de um total de três irmãos, dona Eliane veio para o Rio de Janeiro aos 14 anos e, sem experiência

---

<sup>4</sup> Pesquisa aprovada para aplicação pelo comitê de ética junto à Plataforma Brasil (CAAE: 69343523.0.0000.5282)

alguma de vida, começou desde a tenra idade a “trabalhar em casas de família”.

Nós a convidamos para ser entrevistada para a pesquisa por se tratar de uma senhora muito desenvolta e comunicativa em sala de aula, que sempre interagiu com os colegas de classe e com a professora, além de buscar aprimorar constantemente sua escrita e leitura, trazendo sempre elementos do seu dia a dia para a sala de aula, muitas dúvidas e inquietações.

O desejo de aprender era observado por todos os que se relacionavam de alguma forma com a Dona Eliane. A primeira de sua classe a chegar à escola e, logo de imediato, ir para a sala de aula. Sentava-se sempre na primeira fileira, sempre na mesma carteira. Abria seu caderno prontamente com a chegada da professora, fazia o cabeçalho, contente por já ter a independência na escrita, ainda vagarosa, mas ativa, e ficava a esperar o início de mais uma aula, mais uma novidade e aprendizado.

Entre inúmeras perguntas feitas a essa senhora, durante os mais de 50 minutos que tivemos de diálogo, nos aprofundaremos na pergunta de número 5: “Dona Eliane, de onde surge o desejo e a vontade de voltar aos estudos?”. Buscamos, por meio dessa pergunta, identificar elementos substanciais para o desenvolvimento de nossa análise, como a busca pela dignidade, autonomia, criatividade e criticidade, que todos os estudantes da EJA, sobretudo os de faixa etária mais elevada, trazem consigo quando decidem retornar aos bancos escolares.

## **DESENHOS NA AREIA: UM RECORTE DA ENTREVISTA DE DONA ELIANE**

Dona Eliane. Um recomeço.

Dia 31 de agosto de 2023.

Escola Municipal Vereador Orlando Hungria, Nilópolis, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro.

### **Entrevistadora: Dona Eliane, nesse meio do caminho que a senhora trouxe para a gente aqui, de onde que surge o desejo e a vontade de voltar aos estudos?**

Dona Eliane: Eu tive esse desejo de voltar a estudar porque eu fui tirar a minha identidade. Eu tinha uma identidade muito velhinha, na época eu não sabia escrever o meu nome, aí eu coloquei o dedo. Aí eu fui tirar uma identidade pra mim. Quando eu cheguei lá o moço falou assim pra mim “olha, a senhora sabe escrever seu nome?” aí eu falei assim “mais ou menos, moço”. Aí ele disse “se a senhora não souber eu vou colocar na sua identidade” ... como que é o nome daquela pessoa que não sabe ler nem escrever? “Anafabeta”?

**Entrevistadora: Analfabeta?**

Dona Eliane: Isso, analfabeta. Aí eu disse “Não!! Não vai colocar isso na minha identidade não! Eu volto pra casa e vou estudar, aí quando eu souber escrever eu volto aqui, mas essa palavra eu não quero na minha identidade. Eu fiquei um pouco triste, eu falei: vou estudar. Falei: “moço, precisa fazer minha identidade agora não, não quero fazer agora não”. Voltei pra escola. Foi quando eu comecei a estudar, treinar, fazer o nome direitinho. Quando eu voltei lá pra fazer minha identidade eu já coloquei meu nome direitinho. Aí eu gostei, continuei estudante e vou até o final.

**Entrevistadora: A senhora tá há quanto tempo aqui na escola estudando?**

Dona Eliane: Eu comecei esse ano. Vim aqui nas férias, a moça da secretaria disse que a inscrição era feita pela internet, ela fez pra mim, me deu um papelzinho e disse pra eu ir na prefeitura. Fui lá e me mandaram estudar aqui.

**Entrevistadora: A senhora volta para a escola por um desafio, então? Eu não recebo essa “palavra” para mim, então eu vou estudar para poder assinar meu nome.**

Dona Eliane: Sim, mas tem outro desafio. O primeiro desafio foi esse. O segundo foi eu e meu genro. Que no dia do aniversário dele eu comprei um notebook pra ele de presente e eu disse pra ele “Assim que eu souber ler e escrever, eu vou comprar um notebook pra mim.” Aí ele pegou olhou pra mim e disse “Sogra, você não é capaz de ‘entrar num’ computador e falar comigo” “Ah eu vou, mas eu vou, eu vou conseguir aprender e vou fazer isso”. Por isso que quando estiver lendo mesmo, lendo bem firme na leitura, eu vou entrar num curso de informática. Ninguém nasce sabendo não, gente. Eu vou entrar num curso bem direitinho e vou aprender, que eu tenho fé em Deus que eu vou conseguir e vou chamar ele pelo notebook. Eu vou conseguir, eu tenho certeza disso. Tô só esperando eu aprender um pouquinho mais escrever pra entrar num curso de informática.

**O QUE CONTAR DE UMA HISTÓRIA QUE SE CONTA SOZINHA?**

Durante todo o diálogo que traçamos com a Dona Eliane, a busca pela dignidade ressoou de maneira constante em sua fala. A busca pelo direito de ser. Seu retorno aos bancos escolares teve uma motivação sincera e importante: assinar o próprio nome. É perturbador que um direito

tão básico em nosso meio seja ainda ausente na vida de inúmeros brasileiros e brasileiras.

Com Dona Eliane não foi diferente. De origem humilde do meio rural, se ausentou dos bancos escolares por inúmeros motivos que se sobrepuseram uns aos outros: a distância da escola no ambiente em que morava, a necessidade de trabalhar ainda jovem, a gravidez na adolescência, a falta de apoio da família, dentre outros tantos.

D'Ambrosio (2020) adentra sobre esse tema em seus escritos quando aponta que a dignidade do indivíduo é violentada, sobretudo pela exclusão social. Isso se potencializa quando os sujeitos não ultrapassam as “barreiras discriminatórias” estabelecidas pela própria sociedade em diversos espaços e circunstâncias, espaços esses que pertencem a todos os indivíduos e por vezes são cerceados pela falta de direitos. Situação que, felizmente, nossa narradora não se permitiu viver mais.

“Eu tive esse desejo de voltar a estudar porque eu fui tirar a minha identidade” (**Dona Eliane**).

A decisão, agora aos 68 anos, era inteiramente dela e veio a partir de uma ausência, a de não poder assinar o próprio nome em sua carteira de identidade. Um fato que ela não teve muitas opções anteriores para evitar ou modificar. Para nós, escolarizados, pode parecer um ato comum e simples o de assinar o próprio nome, tanto que algumas vezes até desdenhamos; entretanto, para inúmeros indivíduos, esse ato tem um valor importantíssimo, pois é a forma como se enxergam como cidadãos atuantes no mundo, com voz e vez. A luta em prol de superar a ausência desse direito, oriunda de inúmeros obstáculos vivenciados em sua vida é prova disso.

Tal qual a Dona Eliane, inúmeras são as pessoas em nossa sociedade imersas em ausências oriundas das carências acometidas pela desigualdade social que lota as periferias urbanas e rurais de nosso país.

“Isso, analfabeta. Aí eu disse ‘Não!! Não vai colocar isso na minha identidade não! Eu volto pra casa e vou estudar, aí quando eu souber escrever eu volto aqui, mas essa palavra eu não quero na minha identidade.’ Eu fiquei um pouco triste, eu falei vou estudar” (**Dona Eliane**).

Como educadores, somos testemunhas de um processo de luta, desempenhado pela nossa depoente, a partir do momento em que se insere e segue em uma caminhada, a fim de alcançar seu objetivo, seu sonho. Freire (2021a, p. 62) nos provoca a pensar em sonhos na educação quando diz que “os sonhos são projetos pelos quais se luta”. Não existem sonhos sem

obstáculos, sem dificuldades, com avanços e recuos, sempre há luta.

Ao sentir-se triste, Dona Eliane poderia simplesmente se conformar, mas não. Ela resolve encarar tal obstáculo como uma situação limite (Freire, 2019, p. 130), isto é, “não mais como uma ‘fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser’”. Dona Eliane resolveu utilizar seus sofrimentos, suas mágoas, suas ausências como impulsos na direção de seus sonhos, ou mais que isso, na direção de suas ações, afinal sonhos sem ações para realizá-los podem apenas trazer mais ressentimentos: “Desta forma, se impõe à ação libertadora” (Freire, 2019, p. 131).

“Assim que eu souber ler e escrever, eu vou comprar um notebook pra mim” (**Dona Eliane**).

Observamos aqui a percepção de Dona Eliane de que a educação e a autonomia andam juntas. Alcançar uma implica alcançar a outra e, assim, ter a gerência sobre si para afirmar-se e consagrar-se como sujeito sociocultural. Vemos, aqui, nossa narradora reconhecendo a história como tempo de possibilidades, não de determinismo (Freire, 2020b).

“Ninguém nasce sabendo não, gente” (**Dona Eliane**).

Nessa fala, percebemos que Dona Eliane possui o entendimento de que o saber é construído com determinação e confiança, não algo inato. É necessário vivência, experiência e tempo para que aprendizagens se consolidem. “Desta maneira, a educação se re-faz constantemente na práxis. Para ser tem que *‘estar sendo’*” (Freire, 2019, p. 102). Percebemos que nossa depoente se considera como sujeito de sua própria história, indisponível ao fatalismo e à limitação. Consciente de sua capacidade em “ser mais” (Freire, 2019).

“... Você não é capaz de entrar num computador e falar comigo” (**Genro da Dona Eliane**).

Aqui salientamos o quanto essas vozes ecoam e fazem barulho na cabeça de inúmeras idosas e idosos, limitando e/ou podando as suas crenças quanto às próprias capacidades. Por vezes, nos colocamos como esse sujeito, que exclui outrem dos espaços que pertencem a todos os indivíduos, sobretudo dos mais idosos. Contudo, é preciso trabalhar para nos libertarmos de tal postura, afinal “ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam” (Freire, 2019, p. 105) e mais,

O fundamental, se sou coerentemente progressista, é testemunhar, como pai, como professor, como empregador, como empregado, como jornalista, como soldado, cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, o meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação com o seu direito de ter (Freire, 2021a, p. 63).

Assim, julgamos que, enquanto educadores, devemos colaborar para que frases como a do genro de Dona Eliane não se façam soberanas na mente dos sujeitos. Devemos lutar para provar a nossos educandos, principalmente aos idosos, já tão sensibilizados pela vida, que eles são capazes de conhecer, compreender, agir e modificar, a si mesmos e ao mundo ao seu redor.

É preciso estimular todos os estudantes a responderem aos desafios a eles impostos por meio de ações. Tomar a educação como “uma tentativa constante de mudança de atitude [...] através da qual se substituem [...] antigos e culturoológicos hábitos de passividade por novos hábitos de participação e ingerência” (Freire, 2020a, p. 123).

“Eu vou entrar num curso bem direitinho e vou aprender, que eu tenho fé em Deus que eu vou conseguir e vou chamar ele pelo notebook. Eu vou conseguir, eu tenho certeza disso” (**Dona Eliane**).

Não há cercas que limitem um sujeito que escolhe ser o dono da própria história e construir pontes apesar dos obstáculos, direcionando-os ao conhecimento. Dona Eliane é um perfeito exemplo de que o “futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta por fazê-lo” (Freire, 2021a, p. 65). A partir dos desafios próprios à sua idade e consequentes da baixa escolarização, nossa depoente toma a coragem para (re)construir o seu futuro a partir de seus sonhos e desejos, buscando sua transformação social por meio da educação.

## **PARA SURGIR, (RE)SURGIR, (IN)SURGIR: PRETENSAS CONCLUSÕES**

Neste artigo buscamos rememorar algumas das ideias trazidas pelo Papa Francisco ao propor o pacto educativo global, como, por exemplo, a busca por uma educação mais solidária, humanista, dialógica e preocupada com o bem comum. Entrelaçamos esses ideais, sobretudo a pedagogia proposta por Paulo Freire, pautada na escuta ativa e afetuosa e no incentivo à capacidade humana de “ser mais”.

Diante disso, resolvemos nos debruçar na narrativa de uma senhora de 68 anos, estudante da EJA, para compreendermos os motivos que a afastaram da escola em um dado

momento e as razões pelas quais, anos depois, ela resolveu retornar a essa instituição. A razão de tal escolha deu-se ao fato de, normalmente, os estudantes da EJA ocuparem as “últimas posições na fila educacional”, sendo relegada a eles pouquíssima atenção, particularmente quando voltamos nosso olhar para um idoso ou idosa ocupante desse espaço.

A sociedade, em geral, parece ter se acostumado a enxergar as pessoas mais velhas como indivíduos sem perspectivas, direitos ou possibilidades. Incapazes de aprender. Incapazes de mudar, de se (re)inventar. No entanto, nós, enquanto educadoras humanistas, afeitas à ideia de uma vida em plenitude, preocupadas com a dignidade dos sujeitos e a importância de colocá-los no centro de suas próprias histórias, nos propusemos aqui a apresentar um olhar sensível para uma dessas pessoas, a Dona Eliane, e mostrar como, ao dedicarmos a nossa atenção às memórias e sentimentos do outro, podemos melhor compreendê-lo e auxiliá-lo na sua jornada pessoal em busca de seus sonhos.

Ao abrir esse espaço para Dona Eliane compartilhar conosco sua história, suas vivências e dores, vislumbramos sua força, sua predisposição a transpor uma situação-limite e agir em prol de libertar-se. Essa senhora, tão marcada pela vida e pelos rótulos a ela atribuídos, não se conformou em ser apenas o que lhe diziam que poderia ou deveria ser. Dona Eliane é uma inspiração para nós. Um exemplo da capacidade humana, descrita tão bem por Paulo Freire em sua obra, de ser um sujeito histórico, no mundo e com o mundo.

Além disso, ressaltamos a importância do registro de narrativas outras que nascem e florescem em salas de aula ditas comuns em nossa sociedade. Escolas são templos de significações, de escuta atenta. É preciso estar atento para perceber o quão significativo é quando enxergamos, nos sujeitos que adentram por seus corredores, os sonhos que os fazem não somente retornar, mas permanecer. Permanecem, pois são cativados. Às vezes por um outro sujeito ou – quase sempre – pelos seus próprios sonhos que os guiam nessa permanência.

Refletir sobre o caminho de um estudante da EJA, que chega aos bancos escolares munido de sonhos, fica muito simples quando lemos/ouvimos histórias como as de Dona Eliane. E aqui se trata apenas de um recorte, alguns minutos do que é, de longe, um diálogo transformador. Igualmente a história de nossa autora, quantos outros sujeitos históricos retornam à escola depois das opressões de toda uma vida? Necessidade de trabalhar já na infância ou na adolescência, dificuldade na comunicação, restrições familiares, crenças de que a escola não era lugar de se estar...

Enfim, poderíamos elencar aqui todos os motivos que nossa mente imagine que afastam um indivíduo da escola e ainda não conseguiríamos chegar à metade dos reais motivos que

impedem um sujeito de se escolarizar, aprender a ler e a escrever ainda quando jovem.

Fato é que nossa depoente, além de nos cativar com sua história de vida e caminhada, nos mostra que sonhos existem para serem realizados, e não devemos nos condicionar às imposições de uma sociedade excludente que decide – a qualquer tempo e hora – aqueles que merecem ter acesso e aqueles que não.

Dona Eliane evidenciou na prática a ideia de que “somos seres *condicionados* mas não *determinados*” (Freire, 2020b, p. 20). Somos nós quem ditamos quem somos e do que somos capazes. Ninguém tem, ou deveria ter, esse poder sobre nós, nem filhos, nem pais, nem mães, maridos, amigos, genros... Além disso, outra valiosa lição nos foi dada, nunca é tarde para aprender, para conhecer, para SER!

E, para finalizar, mais uma lição: a escola sempre, em todo momento, constantemente, estará ali para quem dela precisar. Para surgir, (re)surgir, (in)surgir.

## REFERÊNCIAS

ANEC. **Pacto educativo global do Brasil**. Brasília: ANEC, 2020. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Pacto\\_Educativo\\_FINAL.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Pacto_Educativo_FINAL.pdf). Acesso em: 01 out. 2023.

BRASIL. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência internacional de Educação de Adultos VI Confinte**. Brasília: MEC, Goiânia: Funape/UFG, 2009.

Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2012-pdf/10024-confitea-6-secadi/file>. Acesso em: 01 out. 2023.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei nº 10741/03 – Artigo 21. 2003. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98301/estatuto-do-idoso-lei-10741-03#art-21>. Acesso em: 01out. 2023.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática** – elo entre as tradições e a modernidade. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FANTINATO, M.; FREITAS, A.; MARCHON, F. Concepções, dinâmicas e desafios da etnomatemática. In: FANTINATO, M.; FREITAS, A. (Orgs.). **Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios**. 1. Ed. Jundiaí: Paco, 2018. p. 217-226.

FONSECA, M. **Educação Matemática de Jovens e Adultos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 65. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Pedagogia da solidariedade**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREITAS, S. M. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, v. 1.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**, Brasília, v. 18, n. 1, dez. 2012. Disponível em:  
<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em: 24 ago. 2023.

HADDAD, S. **Por uma nova cultura na Educação de Jovens e Adultos, um balanço de experiências de poder local**, Caxambu, MG: 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/por-uma-nova-cultura-na-educacao-de-jovens-e-adultods-um-balanco-de-experiencias-de>. Acesso em: 1 out. 2023.

MENEZES, L. R. A.; MELO, E. A. P. Contribuições de Paulo Freire no Ensino de Matemática: etnomatemática na educação de jovens e adultos. **Ideação**, Feira de Santana - BA, v. 23, n. 2, 2021. Disponível em:  
<https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/26534/17503>. Acesso em: 24 ago. 2023.

NAKAMURA, M. E. F. P.; GARNICA, A. V. M. **A história oral e alguns percursos metodológicos para compreender aspectos de uma experiência educacional paulista: Os Vocacionais**. São Paulo, 2018. Disponível em:  
[http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198\\_ARQUIVO\\_TextoCompleto\\_XIVENHO\\_NAKAMURA;GARNICA\(2018\).pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA(2018).pdf). Acesso em: 13 set. 2023.

STAUDINGER, U.; MARSISKE, M.; BALTES, P. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria de curso de vida. *In*: NERI, A. (org.). **Psicologia do envelhecimento**: temas relacionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papyrus, 1995. p. 195-228.